

A concepção predominante no campo da Psicologia acerca da adolescência é atravessada pela universalização e patologização dessa fase da vida, tida como naturalmente turbulenta e caracterizada por crises e desequilíbrios atribuídos ao funcionamento psíquico dos adolescentes.

A necessidade de se superar essa visão naturalizante, bem como de se atentar para a dimensão social e histórica da adolescência, consiste em um dos aspectos centrais deste livro, em que se apresenta a versão de jovens alunos de classes populares sobre sua experiência escolar.

A relevância deste livro consiste na articulação entre adolescência e escolarização, tema pouco desenvolvido na área de Psicologia Escolar, bem como no questionamento da concepção hegemônica no campo da Psicologia sobre a adolescência, a partir de uma perspectiva crítica em que se enfatiza a constituição social e histórica dos fenômenos, em oposição à sua naturalização.

# Adolescência E ESCOLARIZAÇÃO

*numa Perspectiva Crítica em Psicologia Escolar*

Ana Karina Amorim Checchia

ALUS - Acervo - FE



20500080469

X



73029

De acordo com os adolescentes, a participação dos pais no contexto escolar se limita a visitas à escola, quando convocados pela diretora, a fim de tratar de algum assunto a respeito dos alunos em particular, ou durante as reuniões entre pais e professores. Diante de tais situações, o contato entre esses participantes consiste em exposições, por parte da diretora ou dos professores, sobre o rendimento ou o comportamento dos estudantes na escola. Segundo os jovens, geralmente, após a realização dessas reuniões, os pais conversam com os filhos, reproduzindo o discurso proferido pelos educadores.

Percebe-se que, nesse modelo apresentado, a interlocução ocorre entre pais e educadores e, assim, os alunos são objetos e não sujeitos da discussão. Inclusive, em tais espaços, é favorecida a versão dos educadores sobre o tema em questão (“os professores falam”), que é reproduzida pelos pais, ao invés de se efetivar uma discussão que envolva a escuta das diferentes versões (de pais, educadores e alunos) sobre o processo de escolarização.

A relevância de propiciar-se um espaço de comunicação entre esses participantes no contexto escolar, em que se efetive tal diálogo, é apontada pelos jovens alunos, que propõem a realização de discussões entre professores, pais e alunos, em que estes exponham sua visão (com críticas e propostas) sobre o processo educacional, abrangendo o debate sobre o comportamento dos alunos, a qualidade de ensino e a relação professor-aluno.<sup>70</sup>

### Relação entre os jovens alunos e seus pares

Janaina: “[Alegria na escola é] Conversar com os amigos”.

João: “Pra mim, alegria [na escola] é ter aquele seu amigo diário, mano! [...] Os namoros...”

(3º Encontro)

Karina: “Como é a relação aqui, entre vocês, alunos adolescentes?”.

João: “Depende do aluno. Se for folgado, minha relação é de dar porrada! Se for um aluno legal, eu tenho uma boa atitude com ele,

70. Tais ideias serão explicitadas no tópico sobre “Críticas e propostas referentes à educação escolar”.

converso com ele, ajudo ele. Tipo, eu nunca vou deixar um amigo na mão”.

Cristina: “Tem muitos adolescentes aqui na sala que pensa que manda aqui na escola... vamos suport, que acha que é o melhor da escola, então, pode mandar: ‘Me espera na saída, que vou te catar...!’”.

Jhonatan: “[Os alunos se relacionam] com muita intimidade [...] assim, de brincar, faz montinho, dá tapinha na bunda, fica abraçado”.

Karina: “E aí, no intervalo, o que acontece entre os alunos?”.

João: “Depende; os alunos que brigam, muita gente passa quieto. Todos, todos têm seu grupo...”.

(2º Encontro)

Os laços de amizade entre os alunos e os relacionamentos amorosos consistem no aspecto mais valorizado pelos jovens no contexto escolar<sup>71</sup>. Os adolescentes referem-se à cumplicidade entre os alunos que se agrupam, e são companheiros e solidários entre amigos e parceiros, assim como às disputas e brigas entre colegas.

Ao fazer alusão a seus pares, os jovens alunos expõem uma imagem pejorativa sobre estes, considerando-os indisciplinados, displicentes, vândalos e irresponsáveis, reproduzindo, portanto, essa visão que lhes é socialmente atribuída: “[Tem] gente que não quer nada com nada, sobe em cima da cadeira, fica zoando, quebra a lâmpada, cospe, [...] assim, na cara de pau... e ninguém faz nada!” / “[O aluno] ficou grande, não respeita mais os alunos, os professores, os diretores” (Tamara e Cristina – 4º Encontro e Entrevista).

Enfim, segundo os adolescentes, alunos desrespeitam e são desrespeitados, humilham e são humilhados, agridem e são agrredidos. Situações que ilustram esses elementos serão apontadas a seguir, no próximo tópico.

### Considerações e sentimentos relativos ao dia a dia escolar

Karina: “E como é o dia a dia da escola aqui na oitava série?”.

Janaina/Evaristo/Denis: “Zoeira!”.

71. Esse aspecto também será apontado no próximo tópico, referente às “considerações e sentimentos relativos ao dia a dia escolar”.

Jhonatan: “Beijo, Paquera”.

Karina: “Que mais? O que acontece? Vocês chegam, têm as aulas...”.

Tamara: “A gente chega, vai pras aulas, os professores vão ver se vão sair [pra outra sala], se vão vir. [Janaina: A gente fica conversando]. Aí bate o sinal, aí vem aquela ‘multuação’ na porta da sala: ‘Eu preciso falar com você’, ‘Na hora do intervalo’, ‘Não, vem aqui, agora!’”.

Karina: “Tem uns cinco minutos de intervalo entre as aulas, que fica aquela...”.

Tamara: “‘Multuação’. ‘Eu tenho fofoca, acabou de chegar!’”.

[Tamara: “Cada hora tem seu momento; momento de estudar, momento de namorar...”.

Karina: “O que acontece dentro da sala de aula, normalmente?”.

Tamara: “Muita bagunça!”.

Janaina: “Muita conversa”.

Evaristo: “Muitas discussões”.

Karina: “Em toda aula?”.

Tamara: “Não, tem diferença entre professores, assim: na aula do Vanderlei, ninguém discute! [...] Porque ele tem autoridade! [...] Ele vai embora, aí começa [a bagunça]. [...] Na aula dele, todo mundo fica quieto [...]; e a gente respeita ele, porque ele respeita a gente, também! Agora outros professores chegam já gritando... como eles querem respeito com a gente? A gente acaba zoando, mesmo! Eu falo: ‘Eu zoo, mesmo!’”.

Jhonatan: “Tem gente até que bate boca com os alunos!”.

(3º [\*e 4º] Encontro)

Ao se referir ao cotidiano escolar na oitava série, os adolescentes destacam elementos presentes no vínculo estabelecido entre os alunos (colegas, amigos e parceiros), ressaltando as conversas dentro e fora da sala de aula, incluindo os curtos diálogos interrompidos pelo término do breve intervalo entre as aulas. Enfatizam os laços de amizade e os relacionamentos amorosos (com “paqueras”, “ficadas” ou namoros) que se configuram no ambiente escolar.

A bagunça e as discussões, apontadas como aspectos que ilustram ou caracterizam o dia a dia nas salas de aula, são temas recorrentemente abordados pelos jovens. No trecho citado anteriormente, introduzem a ideia

de que a bagunça é produzida em contextos nos quais se estabelece uma relação entre professor e aluno atravessada pelo desrespeito e pela falta de autoridade por parte do primeiro. Sobre essa questão, um aluno afirma que, nessas situações, em meio à agitação em sala, a concentração para execução das atividades propostas é reduzida, favorecendo-se a dispersão e adesão ao grupo: “Não dá [pra ficar sentado o tempo todo]. Eu sento lá na frente, tô fazendo lição, tá todo mundo brincando aqui atrás. Eu olho pra trás, tá todo mundo se divertindo, zoando. Aí, eu vou fazer o quê? Tem que ir, também!” (Jhonatan – 2º Encontro).

Em alguns momentos de seu discurso, os adolescentes atribuem a bagunça ao comportamento de alunos tidos como indisciplinados, “que ficam só fazendo vandalisse” (João – 2º Encontro). Desse modo, ao responsabilizá-los pela produção da bagunça ou da indisciplina na escola, consideram que tais estudantes devem modificar seu comportamento: “Os alunos têm que ser um pouquinho melhor./[Ter] um bom comportamento, [que] é não bagunçar, fazer o dia a dia da lição...” (João e Jhonatan – 4º Encontro).

Ao longo da discussão sobre esse tema, os adolescentes referem-se a outros elementos implicados na produção da indisciplina, tais como a ausência de atividades recreativas no contexto escolar. Os alunos evidenciam a relevância e a necessidade de investir-se em atividades de esporte e lazer na escola, inclusive como um meio de diversão, expressão e extravasamento da energia repressada durante as aulas expositivas. Além disso, salientam a importância de serem propiciados, em sala de aula, momentos de descanso ou descontração após a realização das tarefas, questionando a exigência de manterem-se praticamente imóveis durante todo o período de aulas (ou turno diário escolar):

Denis: “O aluno, pra ele aprender, também tem que estar tendo lazer na escola [...], esporte, uma quadra, uma bola pra jogar! [...] Você só aprende bem quando você se diverte também! Aí você vai saber a hora de brincar e a hora de estudar. [...] Agora, não; a gente não tem nada pra fazer..., a pessoa vai zoar na sala, mesmo!”.

(Entrevista)

Jhonatan: “[...] Mas professor tem que dar um tempo pra bagunçar. Tem que passar lição e ter a hora da alegria”.

Tamara: “Se a gente não bagunçar, também não vai ter graça. Acho que tem que ser não aquela bagunça pesada, tem que ser aquela coisa levinha”.

(4º Encontro)

João: “Se a gente já acabou a lição, nós somos livres: ‘Façamos o que quisermos’! Porque já acabou a lição. Já aprendemo o que tinha que aprender. Então, vamo dar um rolê pela sala [...] Porque quando acaba a lição, o que deveríamos fazer? Fazer isso [sentar, cruzar os braços e levantar a cabeça]? Cruzar os braços não precisa, mas se abaixar a cabeça, o professor já acha que você tá dormindo”.

Denis: “Não como mutante pra ficar parado!”.

João: “Mutante, não; robô!”.

(1º e 2º Encontros)

Ao se referirem às discussões (ou ao “bate-boca”, como afirmam) entre os participantes do contexto escolar, os adolescentes ilustram cenas e situações em que xingamentos e palavrões são proferidos por professores aos alunos e fazem alusões a insultos como: “Tá parecendo cadela no cio”, “Cala a boca, sua vagabunda”, “Bixola” ou “Veado”, dentre outros.<sup>72</sup> Com relação a esse aspecto, uma aluna acrescenta: “Tem professores que faltam com respeito também. Pensam assim: ‘Porque é adolescente, vou falar, mesmo’. Se fosse pessoa mais velha que tivesse ali sentado, duvido que falasse!” (Adriana, 1º Encontro). Deve-se, ressaltar uma especificidade referente a esses tipos de xingamento dirigidos aos jovens alunos, que consiste no fato de estarem associados à questão da sexualidade ou a estereótipos atribuídos aos adolescentes.

De forma geral, os alunos expressam sentimentos de humilhação, vergonha, indignação e alegria relativos à vivência do cotidiano escolar. Os jovens reportam-se a situações em que estudantes e professores são humilhados, como alvo de agressão ou ridicularizações:

Jhonatan: “Ela [professora] gosta de tirar sarro. Tipo... humilhar!”.

João: “[O professor] deu um rodo nele [no aluno] [...] [bem no meio da testa\*]; e derrubou ele no chão. [...] Eu imagino como ele deve ter

72. Segundo os jovens, alguns professores se utilizam de muitos palavrões, mas quando os alunos o fazem, são encaminhaados para a diretoria da escola.

se sentido humilhado! [...] Na hora o... [aluno] ficou lá jogado, com uma cara estranha, meio chorando”.

Cristina: “Eu acho que [aquele outro] professor, por ele ser baixinho, meio gordinho, [os alunos] ficam zoando com ele, xingando [...]. Acho que ele também deve se sentir mal, por ele ser professor, ele também quer respeito. Mas [...] pra ele querer respeito ele também tem que respeitar os alunos”.

(2º [\*e 3º] Encontro)

Outras cenas de agressão física por parte de alunos e professores são apontadas pelos adolescentes:

Cristina: “Ele [professor] quase me machucou, só porque eu tava conversando com uma menina; eu peguei, sentei, ele foi lá, puxou minha cadeira com tudo, quebrou tudo... caiu tudo no chão!”.

Janaína: “[Também teve aluno agredindo professor]. Ela foi até expulsa! Acho que o professor mandou ela ir pra fora da sala, ela [...] foi lá e bateu no professor”.

(2º e 3º Encontros)

O sentimento de humilhação também é explicitado pelos alunos ao mencionarem situações em que se é alvo de preconceito. É apontado o predomínio do preconceito relativo à aparência física e à raça (em contraposição ao vinculado à condição socioeconômica, que não se evidencia, segundo os alunos), no contexto escolar. Quando discutirem esse tema, descrevem situações em que negros são humilhados por causa da cor de sua pele – metade dos participantes da pesquisa refere-se à sua raça como negra (Jhonatan, Tamara, Janaína e Evaristo). Diante disso, apresentam como propostas para a educação o incentivo ao respeito e o combate à discriminação:

Tamara: “Aqui dentro da escola não tem [preconceito com relação à situação financeira]. Acho que todo mundo é igual”.

Janaína: “[...Porque a maioria das pessoas aqui é tudo que mora na favela. Não tem nada de ‘ah, você é mó pobre\*’]. Eu acho que aqui na escola tem preconceito, só que assim, de cor. Porque uma pá de gente fica zoando com o Jhonatan...”.

Tamara: “[...] Só que eu acho assim, que deveria ter, sei lá, mais respeito pela gente, porque a gente também é ser humano!”.

Janaína: “[...] Agora, assim, de pobreza, eu nunca vi; é mais de se a pessoa é gorda, feia, tem cabelo ruim, esses negócio!”.

(4º Encontro [\*e Entrevista])

Jhonatan: “A [professora] fica me chamando de ‘apagão’”.

Tamara: “O Jhonatan é humilhado”.

Jhonatan: “Mas eu também humilho, hein?”.

(3º Encontro)

Jhonatan: “Colocar [como proposta pra educação, ter] mais respeito... menos discriminação [...] Por causa da zoeira. Gostam muito de zoar tipo assim: se a pessoa tem um defeito, começam a zoar, é normal”.

(Entrevista)

O sentimento de vergonha é apontado pelos alunos quando se reportam ao constrangimento envolvido no ato de responder em voz alta às questões apresentadas pelos professores. De acordo com os jovens, esse aspecto associa-se ao receio de errar e ser ridicularizado diante dos colegas em sala de aula:

Janaína: “De vez em quando [dá] medo de arriscar, responder errado”.

Adriana: “Vergonha”.

Janaína: “Assim, quando eu fico pensando comigo, eu vejo que tava certa, mas não gosto de falar”.

João: “Qualquer pergunta que o professor faz pra sala inteira responder, eu respondo baixinho, mas só que depois os que ouve o que eu falei, se aproveita da minha resposta. [Se o aluno responde errado], todo mundo zoa ele!”.

(1º Encontro)

Segundo os adolescentes, o fato de serem julgados injustamente e punidos por algo que não realizaram ou serem os únicos preprendidos em um contexto no qual consideram que os demais alunos estão envolvidos os deixa indignados. Além disso, referem-se à ausência e ao autoritarismo da diretora, como algo que os indigna:

Karina: “Na escola, o que acontece que deixa vocês indignados?”.

Denis: “As vezes acontece alguma coisa com outra pessoa e ele [professor] já acha que é você: ‘Vai pra fora!’; e nem foi nós...”.

Janaína: “É verdade. Ou também quando tá todo mundo conversando, igual a ontem. [A professora só ficou olhando pra gente, com as outras pessoas ela não falou nada]; só ficou chamando nossa atenção. Falou que ia abaixar a nota e não sei o quê...”.

Tamara: “Isso que me deixa mais indignada!”.

Jhonatan: “A diretora [também], que nem aparece aí e quando aparece, quer dar suspensão!”.

(3º Encontro)

Por fim, ao ressaltar o sentimento de alegria no contexto escolar, fazem alusão, exclusivamente, à relação dos alunos entre si, destacando os laços de amizade e os relacionamentos amorosos, ou seja, endossam as afirmações proferidas no início deste tópico. Conforme esses estudantes, é por meio dessas formas de relacionamento que os jovens alunos vivenciam momentos de alegria em meio aos demais sentimentos relativos à vivência do dia a dia escolar:

Karina: “Não tem alegria na escola?”.

Jhonatan: “A minha alegria é mulher”.

João: “Alegria é conhecer gente!”.

Janaína: “Conversar com os amigos”.

Evaristo: “Fofoca do fim de semana”.

Jhonatan: “Alegria pra mim é sair da escola, sabendo que o outro dia é sábado”.

João: “Pra mim, alegria é ter aquele seu amigo diário, mano!”.

Karina: “E além das amizades?”.

Janaína: “Ah, só!”.

João: “Os namoros”.

Denis: “A paisagem [as garotas]”.

(3º Encontro)

## Críticas e propostas referentes à educação escolar

### Críticas apresentadas pelos jovens alunos

Karina: “Qual você acha que é o maior problema da educação hoje?”  
 Denis: “[...] Eu acho que é a falta de orientação do pessoal da direção, assim. O aluno, pra ele aprender, também tem que estar tendo lazer na escola! Não tô falando balada, bebida, essas coisas... mas lazer, esporte, uma quadra, uma bola pra jogar, uma escola pintada, cadeiras decentes! Tendo o monitoramento da escola funcionando bem, não tem como não funcionar. (Agora, não! A gente não tem nada pra fazer..., a pessoa vai zoar na sala, mesmo!)”

Karina: “Então, você acha que deveria ter um espaço pra isso...”

Denis: “Mas não é especificamente ter espaço. Espaço tem, não tem é capacidade de equipar o lugar. Tem a quadra, mas não tem bola! De que adianta? Tem cantina, mas não tem nada pra comprar!”

(Entrevista)

Tamara: “[...] Porque a minha sala eu acho que tem muita gente... tem 48 pessoas! [...] Com aquele barulho que tem lá, pelo amor de Deus, não dá pra fazer as coisas! [...] No reforço... [tem] nove pessoas. Aí tem uma aula diferente, né? É poucas pessoas, então todo mundo presta mais atenção e a professora comanda mais a sala...”

(Entrevista)

Karina: “E o que vocês acham disso, de ficar mudando de professor?”

Tamara: “É super ruim!”

João: “Ah, é da hora!”

Evaristo: “Quem acaba pagando o pato é a gente”.

Tamara: “Meu caderno tá todo dividido”.

Janaina: “E, assim, quando nós começa a aprender aquela matéria..., aí depois o [outro] professor passa uma coisa que não tem nada a ver com aquela que a gente já tava aprendendo”.

Tamara: “...Isso atrapalha!”.

(3º Encontro)

Os trechos anteriores são críticas feitas pelos jovens a aspectos institucionais, tais como: a concentração de um grande número de alunos

por sala, que interfere na qualidade e no rendimento da aula; a mudança de professores ao longo do ano letivo, que prejudica a continuidade e a coerência do conteúdo ministrado e a falta de investimento na infraestrutura da escola e em atividades voltadas ao lazer, a qual afeta o processo de aprendizagem e propicia a configuração de um contexto em que se insere a produção da indisciplina, tal como foi mencionado.

Ao criticar a qualidade do ensino, esses jovens consideram que o maior problema da educação escolar consiste no descaso de professores em transmitir e explicar o conteúdo a ser lecionado, bem como no comportamento dos alunos ou, mais especificamente, no desrespeito, na indisciplina e na falta de interesse atribuídos aos estudantes<sup>73</sup>:

Evaristo: “Acho que [o maior problema da educação escolar] é os alunos e os professores. Sei lá, os alunos não tão com vontade de aprender. Eu também não gosto, mas precisa, senão, não vou ser ninguém na vida. Minha mãe sempre fala isso: ‘Precisa estudar, senão aí é que vai ser mais discriminado ainda!’”

(Entrevista)

Cristina: “[O maior problema é] Xingar os professores, jogar giz no professor, jogar papel no professor, pichar a escola. Ah, de alunos, mesmo... falta de respeito com o outro, ficar brigando, machucando eles mesmos”.

(Entrevista)

João: “Os professores. [...] Não vou generalizar, porque tem professor bom. Mas muitos professores são vagabundo, chega e senta ou passa qualquer coisa, eles não impõe respeito, por isso não têm respeito e ninguém vai confiar”.

(Entrevista)

Janaina: “O ensino precisaria ser melhorado, porque o ensino tá muito ruim, eu acho. Por causa que da aula de [‘x’ matéria] não sei fazer quase nenhuma lição, porque a professora explica rapidão e os aluno

73. A falta de interesse e o desrespeito são apontados pelos adolescentes ao se reportarem tanto aos alunos quanto aos professores (considerando que estes demonstrariam falta de interesse em aprender ou em ensinar).

também fica conversando, não dá pra entender nada. Aí a professora fala que tavam conversando, não explica mais, e mesmo prestando atenção, eu não consigo entender nada! A gente vai perguntar pra ela, ela explica com a maior rapidez, ela mesmo faz a conta lá e pronto: 'Faz igual eu fiz'. Grande coisa, né? Não dá pra entender nada!'"

(Entrevista)

Tamara: "Ó, ensino ruim! [E o que tem de ruim?] Tudo! Professor, aluno... é professor que não tem vontade de dar aula.... Igual o [professor de 'x']: segunda-feira [...] só fez a chamada, sentou na cadeira, não fez nada, nada, nada! 'Professor, o senhor não vai passar lição, não?' 'Ah, não tô com vontade de passar lição' 'Então não tô com vontade de ficar na sua aula'. Aí ele: 'Ah, pode conversar, pode fazer o que quiser'. A turma tava quase quebrando a carteira lá e ele rindo pra todo mundo!'"

(Entrevista)

Além de se referirem a professores e alunos, alguns jovens também fazem alusão à direção da escola: "[O maior problema também é] A direção [...]. A diretora não faz nada aqui dentro da escola! Nunca vi ela falando alguma coisa pros alunos'. 'E também a diretora [...] [que] mal vem pra escola e, quando ela vem, acha que ela manda!'" (Jhonatan e Tamara – Entrevista).

A ideia de que professores, alunos e diretores seriam os principais responsáveis pela qualidade da educação escolar está presente no discurso desses jovens:

Karina: "O que faz uma escola ser uma boa escola?"

Janaína: "Os alunos".

João: "Os professores e os alunos".

Tamara: "E a diretora, também. Porque se você tiver um professor porcaria..., a diretora, nem se fala... e os alunos também...".

Nota-se, também, que atribuem a culpa pela problemática educacional aos envolvidos com o trabalho na escola.

Karina: "Quando a educação não é de qualidade ou quando tem repetência..., existe um culpado por isso?"

João: "Sim. O professor".

Tamara: "O diretor".

Denis: "O quê?! Os alunos!"

João: "O... e o... [alunos] são os mais vândalos que eu já conheci na minha vida; em 14 anos de vida! Mas eles não são vândalos na aula do Vandertei!"

(3º Encontro)

Jhonatan: "É o aluno. O aluno, se ele quiser, ele passa, não tem nenhum professor nem ninguém que não faça ele passar. Que nem os 'c.d.c.', não sei. ['C.d.f.?' ] É, 'c.d.f.'. Se ele faz tudo, fica quieto, na dele, faz tudo..., é claro que vai passar!"

(Entrevista)

Adriana: "Tem professor que não tá nem aí e o aluno também já não tá nem aí... já era! E tem professor que é bem rígido, como o Vandertei. Então, se ele pega no pé de um aluno, por mais desinteressado que o aluno seja, ele vai procurar se esforçar também!"

João: "Se for um professor bom, tipo o [professor de 'y'] [...], quem quer aprender, na aula dele vai aprender com certeza. [...] Mas já com o [professor de 'x'], mesmo quem quiser aprender, não vai aprender nada".

Janaína: "É mesmo, porque ele não sabe explicar".

(Entrevista e 1º Encontro)

Com relação a esse aspecto, alguns jovens responsabilizam os demais participantes do contexto escolar (além dos citados), incluindo os coordenadores, pais e inspetores de alunos:

Tamara: "Acho que [o maior problema da educação] são os alunos; que não respeitam os professores. E também os professores, que não respeitam os alunos. E dos pais, também, que não educam os filhos e os filhos acham que a escola é a casa deles. Então, acho que na verdade a culpa é de todo mundo. Não é só do professor, do aluno ou dos pais; é de todo mundo. [...] E também a diretora [...] [que] mal vem pra escola..."

(Entrevista)

Denis: “É a... escola inteira, assim... em geral, desde os professores ao coordenador, inspetor, alunos, todo mundo”.

(Entrevista)

A culpabilização dos alunos pelo fracasso escolar é explicitada por alguns adolescentes, ao vincular a repetência à não aprendizagem dos estudantes e atribuir esta última ao baixo nível intelectual, à indisciplina ou à falta de interesse dos alunos. Ou seja, quando estabelecem uma relação de causa e efeito entre a reprovação escolar e a aprendizagem (considerando que o *aluno* é reprovado porque *ele* não aprende), bem como entre a aprendizagem e seu coeficiente intelectual, sua motivação ou comportamento (com base no pressuposto de que o *aluno* não aprende porque tem QI baixo, não tem interesse, atenção, faz bagunça ou tem preguiça), esses jovens apontam o aluno como sujeito e foco da produção do fracasso escolar:

Karina: “E a oitava A?”.

Denis: “É só de repetente”.

João: “A oitava A é uma boa sala, porque eles repetiram, então eles já têm o exemplo, não querem repetir de novo”.

Cristina: “Eles não conseguem aprender, não porque eles não querem, porque, tipo, se já passou de ano, mesmo...”.

Denis: “Acho que é porque não tem QI alto”.

João: “Acho que eles têm capacidade; [...] o mesmo tanto que todo mundo tem. Simplesmente não usa seu potencial”.

Karina: “O que vocês acham, não só na oitava A, mas em qualquer oitava, quando o aluno não aprende, o que acontece pra que isso aconteça?”<sup>74</sup>

João: “Ele não presta atenção”.

Janaina: “Falta de interesse”.

João: “Ele não quer”.

Adriana: “Eu acho que é também a companhia que fica ao redor”.

[Tamara: “Bagunça?”]

João: “Aluno que quer, aprende! [...] É, mas já com o [professor de ‘x’], mesmo quem quiser aprender, não vai aprender nada”.

74. É interessante notar que, ao formular a questão dessa forma, a pesquisadora reproduziu, nesse instante, a ideia de que “o aluno não aprende”, em vez de se referir à produção da não aprendizagem, tal como fez anterior e posteriormente.

Karina: “A pergunta não é nem por que o aluno não aprende, mas: o que acontece pra que não tenha aprendizagem ou pra que tenha repetência?”.

Adriana: “Preguiça de vir pra escola”.

João: “Às vezes o aluno não aprende porque não quer, às vezes porque o professor não ensina”.

(1º [“e 3º] Encontro)

No final do trecho anterior, retomam-se as questões relativas ao esforço pessoal dos alunos e à responsabilização dos professores pela qualidade do ensino, e ambos (professores e alunos) são culpabilizados pelo fracasso escolar. Além disso, nesse fragmento do encontro em grupo, uma adolescente (Cristina) introduz um aspecto referente ao sistema de avaliação e reprovação e faz alusão à ideia de que esses alunos que foram retidos na oitava séria estariam, *a priori*, aprovados, o que interferiria no processo de aprendizagem; a esse respeito, outra jovem acrescenta: “Essa sala era pra ser um projeto. Cadê o projeto? Tão dizendo que essa sala já passou...” (Tamara – 3º Encontro).<sup>75</sup>

Ainda em relação à culpabilização dos alunos, os adolescentes evidenciam a atribuição de rótulos aos alunos “*repetentes*”. Associada à ideia de que estes são sujeitos e foco do fracasso escolar, está a imagem delineada, por alguns jovens, sobre os alunos que foram retidos. Conforme foi apontado antes, de acordo com os adolescentes, a repetência e a não aprendizagem estão associadas ao comportamento e à falta de interesse e atenção por parte do aluno; tal concepção apresenta coerência com a consideração de que aqueles alunos seriam displicentes (sem interesse pelo estudo) e indisciplinados, como ilustra o seguinte trecho:

Tamara: “[A oitava A é] sem futuro! Eles não querem nada! Só zoam; não fazem lição...[...] Jhonatan: Que não quer nada com a vida! Só quer zoar, bagunçar, fumar maconha”.

Karina: “Algun de vocês já repetiu?”.

Tamara: “Eu”.

Karina: “E o que se fala dos alunos repetentes?”.

75. Esse aspecto será abordado, posteriormente, em um subitem referente ao sistema de avaliação e reprovação.



Tamara: “Dizem que não presta, são tudo vagabundo, não fazem nada...”

Karina: “E você acha o quê?”

Tamara: “Que é verdade!”

(3º Encontro)

Ao contextualizar sua experiência de reprovação escolar, a adolescente afirma que todos os alunos de sua sala foram aprovados e associa esse fato à postura da professora, que costumava faltar às aulas e não se empenhava em transmitir e explicar o conteúdo aos alunos: “A professora faltava, não dava matéria. E quando ela dava, só passava e não explicava, então ninguém tava nem aí, mesmo, e a sala toda repetiu” (Tamara – Entrevista). Ao afirmar que havia sido aprovada, outra aluna faz críticas à qualidade do ensino e ao sistema de avaliação e reprovação (tema que será abordado a seguir):

Adriana: “Onde eu estudava [...], os professores davam prova, mas pra ficar livre logo de você, se você tirasse nota baixa, ele metia logo um 10. Aí eu, burra, pensei: ‘Não aprendi nada!’ Daí, tinha uma última prova, um provão, eu faltei e aí repeti, pra recuperar”.

Karina: “Por que você acha que foi burrice?”

Adriana: “Porque eles ensinam sempre a mesma coisa!”

(1º Encontro)

## O sistema de avaliação e reprovação

Os alunos criticam o sistema de avaliação e reprovação, elucidando relevantes elementos implicados nesse processo. Com relação à avaliação, os jovens declaram que os professores estipulam as notas (ou os conceitos) dos alunos com base na realização de trabalhos e provas, na verificação dos cadernos e de acordo com seu comportamento. No entanto, mencionam a arbitrariedade envolvida em um sistema de avaliação em que alguns professores não utilizam critérios bem-definidos ou coerentes para a atribuição desses conceitos aos alunos e em que provas são aplicadas e imediatamente corrigidas na lousa (são entregues pelos alunos após a cópia das respostas) ou

realizadas com consulta, o que, de acordo com os adolescentes, não possibilita a avaliação da assimilação do conteúdo ministrado:

Cristina: “Eles [professores] passam lição na lousa e, se o aluno quer copiar, copia; se não quer copiar, ele também não fala nada, dá nota. Se o aluno fez, fez; se não fez, dá nota do mesmo jeito!”

(Entrevista)

Evaristo: “A prova que ele [professor] deu na minha sala, ele deu D pra todo mundo”.

Karina: “Como assim?”

Evaristo: “Ele olhava assim, olhava, olhava... sua prova: D; sua prova: D”.

Tamara: “Mas tipo, ele já vai dando as respostas, ninguém faz nada. Ele vai colocando e todo mundo já vai copiando”.

(3º Encontro)

Janaína: “[...] Eu acho ruim prova que tem consulta [...]. A gente só lê o texto [no caderno] e escreve, não vai aprender nada desse texto! [...] Apesar que é difícil [sem consulta], só que a gente também tem que se esforçar. Se eu for fazer uma prova sem consulta, não vou fazer nada! Porque a gente já ta acostumado desde a quinta série aqui, só prova com consulta, com consulta, com consulta. Quando tiver uma prova sem consulta, como você vai fazer? Teve um dia que a professora passou uma prova de [‘w’ matéria], sem consulta, era uma pergunta só e eu não consegui fazer! E era em dupla, ainda; a gente não conseguiu fazer a prova!”

(Entrevista)

Perebe-se, com base nos trechos anteriores, que, nesse processo, as notas ou conceitos são estipulados independentemente da efetiva transmissão e assimilação do conteúdo ministrado, tal como uma aluna confirma: “Ela [professora] [...] explica uma vez, já é pra todo mundo aprender e no final do bimestre, [você] só mostra o caderno e tira A. Copiando a lição tá bom demais, só que não interessa se você aprendeu ou não” (Adriana – Entrevista). Assim, os jovens relatam situações em que a aprendizagem não é produzida nesse contexto educacional, porém, esse fato é acobertado por